

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC HELDIO LOURES PERROTTA

**OPERAÇÃO BODYGUARD (1943 - 1945):  
Um exemplo histórico do impacto da contrainteligência em  
operações militares**

Rio de Janeiro

2024

CC HELDIO LOURES PERROTTA

**OPERAÇÃO BODYGUARD (1943 - 1945):**

**Um exemplo histórico do impacto da contrainteligência em  
operações militares**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) CLÁUDIO MUNIZ  
JOBIM

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval

2024

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## DEDICATÓRIA

Dedico este projeto a todos os professores e instrutores da Escola de Guerra Naval que nesta saudosa Praia Vermelha depositam seu entusiasmo, dedicação, conhecimento e fé sobre os oficiais alunos do CEMOS, de forma a esculpir novos profissionais da guerra para a Marinha do Brasil, e em especial, ao meu orientador, o qual me apoiou e indicou a proa correta a seguir por esses novos mares acadêmicos.

Dedico também, de forma especial, a Deus, meu criador, salvador e mantenedor, fonte de misericórdia que se derrama sobre a minha vida a cada dia; e a minha família, pois representa meu porto seguro para onde minha embarcação busca atracar e encontrar conforto, amor e felicidade, sem ela nada seria possível, pois mesmo distante, é minha força e motivação para continuar navegando.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida e pela vida da minha família, sou grato a Ele por cada dia e pela oportunidade de servir nas fileiras da Marinha do Brasil, por me auxiliar a superar os numerosos desafios da vida, e por me guiar como um farol desde as águas turbulentas até o porto seguro.

Agradeço a minha família por estar sempre comigo no meu coração, apesar da distância e saudade, aos meus pais que mesmo ausentes, em vida fizeram tudo por mim para que eu pudesse crescer e vencer na vida.

Por fim, agradeço a Escola de Guerra Naval, nas pessoas de seu Diretor e demais oficiais e praças, sendo grato por todo esforço e trabalho exercidos no apoio necessário ao meu crescimento profissional e intelectual.

**“... Até aqui o Senhor nos ajudou.”**

1SAMUEL 7:12.

## RESUMO

Este trabalho aborda a importância da contra-inteligência no contexto do planejamento militar, utilizando como objeto de estudo a Operação Bodyguard, delimitada pela Suboperação Fortitude, durante a Segunda Guerra Mundial. A pesquisa pretende investigar como as atividades de contra-inteligência desenvolvidas na Suboperação Fortitude foram importantes para o sucesso da invasão aliada na Normandia em 1944, prevista na Operação Overlord. A relevância deste tema justifica-se pela sua aplicação prática em operações militares contemporâneas e pelo seu valor histórico. A metodologia empregada envolve a análise histórica da operação realizada pelos aliados, com ênfase na contra-inteligência inserida no planejamento e execução dessas operações. Os objetivos do trabalho incluem descrever a atividade de contra-inteligência, descrever o planejamento militar, e por fim relacioná-los a fim de verificar seu impacto na Operação Bodyguard. A contra-inteligência será apresentada como uma componente essencial da inteligência destinada a proteger conhecimentos e operações militares contra ameaças internas e externas. O planejamento militar será descrito como um processo complexo e integrado, fundamental para a realização eficaz das operações militares. A análise da Operação Bodyguard, particularmente da Operação Fortitude, sob a ótica da contra-inteligência e do planejamento militar, permitirá observarmos como a contra-inteligência desempenhou um papel decisivo na proteção das informações dos aliados, utilizando recursos de desinformação e engano para confundir os alemães, culminando no sucesso da Operação Overlord.

**Palavras-chave:** Contra-inteligência. Inteligência. Operação Bodyguard. Operação Fortitude. Segunda Guerra Mundial. Planejamento Militar. Operação Overlord.

## **ABSTRACT**

### **OPERATION BODYGUARD (1943 - 1945): A Historical Example of the Impact of Counterintelligence on Military Operations**

This paper addresses the importance of counterintelligence in the context of military planning, using Operation Bodyguard, specifically Suboperation Fortitude during World War II, as the study object. The research aims to investigate how the counterintelligence activities developed in Suboperation Fortitude were crucial for the success of the Allied invasion of Normandy in 1944, as planned in Operation Overlord. The relevance of this topic is justified by its practical application in contemporary military operations and its historical value. The methodology employed involves a historical analysis of the operation carried out by the Allies, with an emphasis on counterintelligence embedded in the planning and execution of these operations. The objectives of the work include describing counterintelligence activities, detailing military planning, and ultimately relating them to assess their impact on Operation Bodyguard. Counterintelligence will be presented as an essential component of intelligence aimed at protecting knowledge and military operations against internal and external threats. Military planning will be described as a complex and integrated process, fundamental for the effective execution of military operations. The analysis of Operation Bodyguard, particularly Operation Fortitude, from the perspective of counterintelligence and military planning, will allow us to observe how counterintelligence played a decisive role in protecting Allied information, using deception and misinformation resources to confuse the Germans, culminating in the success of Operation Overlord.

**Keywords:** Counterintelligence. Intelligence. Operation Bodyguard. Operation Fortitude. World War II. Military Planning. Operation Overlord.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa das suboperações de Bodyguard.....	31
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	-	Contraineligência
INTEL	-	Inteligência
ABIN	-	Agência Brasileira de Inteligência
FFAA	-	Forças Armadas
PPC	-	Processo de Planejamento Conjunto
Cmdo TO	-	Comando do Teatro de Operações
Cmdo A Op	-	Comando da Área de Operações
Cmdo ZD	-	Comando da Zona de Defesa
Comte Op	-	Comandante Operacional
EMCj	-	Estado-Maior Conjunto
Tropas Cmdo Op	-	Tropas do Comando Op
F Cte	-	Forças Componentes
Psb Ini	-	Possibilidade do Inimigo
EFD	-	Estado Final Desejado

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CONTRAINTELIGÊNCIA .....</b>	<b>13</b>
2.1	INTELIGÊNCIA.....	13
2.2	CONCEITO DO RAMO DE CONTRAINTELIGÊNCIA.....	14
2.2.1	Contrainteligência preventiva .....	15
2.2.2	Contrainteligência ativa .....	15
2.3	RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E CONTRAINTELIGÊNCIA .....	17
<b>3</b>	<b>O PLANEJAMENTO MILITAR.....</b>	<b>18</b>
3.1	PROCESSO DE PLANEJAMENTO CONJUNTO.....	18
3.2	INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS.....	21
3.3	CONTRAINTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS.....	24
<b>4</b>	<b>OPERAÇÃO BODYGUARD .....</b>	<b>27</b>
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	28
4.2	O QUE FOI A OPERAÇÃO BODYGUARD .....	29
4.3	SUBOPERAÇÃO FORTITUDE.....	31
4.3.1	Fortitude Norte.....	32
4.3.2	Fortitude Sul .....	35
4.3.3	Resultado de Fortitude .....	38
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DA SUBOPERAÇÃO FORTITUDE .....</b>	<b>40</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais o ser humano tem sido impactado com grande volume de informações e com a rápida evolução tecnológica e científica, o que têm trazido cada vez mais desafios e oportunidades para a sociedade contemporânea, seja pelo advento da robótica, inteligência artificial, internet das coisas, drones, entre outras.

Apesar de toda a tecnologia e informação disponíveis, um grande desafio tem despontado no horizonte sobre a questão da segurança das informações, uma vez que grandes bancos de dados pessoais, empresariais e militares cada vez mais têm migrado para a nuvem<sup>1</sup>, além da possibilidade de satélites e drones mapearem regiões de forma remota e interceptarem comunicações.

Num mundo cada vez mais conectado ganha mais relevância a proteção das informações, e no âmbito militar, esse ramo de atividade é chamado de CI. É importante destacar que a preocupação com a segurança de informações já existia, mesmo em menor escala.

Entretanto, anteriormente à era da informação, essa preocupação com a proteção da informação não parecia tão relevante para a percepção da sociedade, mas foi marcante em vários episódios históricos, dentre eles, podemos citar a Segunda Guerra Mundial.

Desta forma, o presente trabalho buscará abordar num exemplo histórico, a contribuição da contrainteligência (CI), que é um ramo da atividade de inteligência (INTEL), para o sucesso de uma campanha militar, e para tal, o objeto de pesquisa será a Operação Bodyguard, que diz respeito a várias suboperações militares desenvolvidas pelos aliados<sup>2</sup> e que seriam responsáveis por enganarem os alemães durante a Segunda Guerra Mundial com o intuito de contribuir para o êxito da Operação Overlord<sup>3</sup>.

A Operação Bodyguard será delimitada pela sua suboperação denominada Fortitude, que objetivava interferir no processo decisório do alto comando alemão,

---

<sup>1</sup> MIT SLOAN. A soberania dos dados na nuvem. Disponível em: <https://mitsloanreview.com.br/a-soberania-dos-dados-na-nuvem/>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

<sup>2</sup> Aliança de países celebrada durante a Segunda Guerra Mundial que incluía principalmente o Reino Unido, a França, a União Soviética e os Estados Unidos para combater as Potências do Eixo, compostas principalmente por Alemanha, Itália e Japão (Beavor, 2019).

<sup>3</sup> Operação militar aliada que lançou a invasão bem-sucedida da Europa Ocidental ocupada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial em 6 de junho de 1944, e também conhecida como Dia D, envolvendo desembarques anfíbios e aéreos maciços na costa da Normandia, na França (Beavor, 2019).

propósito de uma operação de desinformação a luz do CI, para desviar a atenção daquele comando para pontos de desembarque diferentes dos previstos pela Operação Overlord.

Desta forma, o presente trabalho tem o objetivo de verificar através de uma abordagem histórica, em que medida a Suboperação Fortitude, vista como uma operação de CI contribuiu para o sucesso da Operação Overlord realizada pelos aliados na Segunda Guerra mundial.

Para o desenvolvimento da pesquisa, esta Dissertação buscará ao longo de seus capítulos, além de apresentar os fatos históricos atinentes à Suboperação Fortitude, descrever os conceitos teóricos necessários para a sua análise e ao final, verificar a sua contribuição para o êxito do desembarque aliado na Normandia.

Assim, no capítulo dois serão descritos os ramos da atividade de INTEL, com ênfase na CI, no capítulo três será descrito o planejamento militar conjunto, no capítulo quatro será apresentada a Operação Bodyguard e Suboperação Fortitude, no capítulo cinco será realizada breve análise da suboperação apresentada anteriormente à luz das teorias descritas, e por fim no capítulo seis constataremos o seu impacto na Operação Overlord.

## 2 CONTRAINTELIGÊNCIA

No presente capítulo trataremos da exposição dos conceitos e doutrinas afetas aos ramos da atividade de INTEL, especialmente da CI, como primeiro passo para construirmos conhecimento capaz de ser utilizado na análise, a posteriori, da Suboperação Fortitude.

A CI não é um vocábulo muito íntimo do ideário da sociedade, porém, a prática de proteger informações é muito comum, visto que se manifesta de diferentes formas e graus pelos setores da sociedade, desde a preocupação de como guardar segredos íntimos e familiares, pelas pessoas comuns, até as empresas e Estados se preocuparem em proteger informações sensíveis.

Entretanto, o conceito de CI, pela doutrina que será apresentada, se origina na atividade de INTEL, como um importante componente, desta forma, antes de prosseguirmos nas definições e demais abordagens, faz-se necessário uma breve digressão para resgatar o conceito maior que trata sobre INTEL.

### 2.1 INTELIGÊNCIA

Como mencionado anteriormente, a atividade de INTEL está organizada em torno de duas atividades: CI e INTEL. Assim, de acordo com a Doutrina da Atividade de INTEL da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN):

A atividade de inteligência produz conhecimentos e realiza ações visando à redução de vulnerabilidades e à neutralização de ameaças contra a segurança das pessoas e das instituições brasileiras. Também visa a proteger informações, pessoas, áreas, instalações e meios sensíveis, prevenindo, detectando, identificando, obstruindo e neutralizando ações de inteligência adversas. Nos termos da lei, a atividade de inteligência também identifica oportunidades para a realização dos objetivos das políticas públicas críticas para a segurança e o bem-estar da sociedade (Brasil, 2023, p.12).

A INTEL é o ramo voltado para atividades de produção e difusão de conhecimentos diversos que sejam importantes para subsidiar um processo decisório quanto à indicação de oportunidades ou ameaças (Brasil, 2023).

A CI é o ramo voltado para atividades de prevenção, detecção, identificação, obstrução e neutralização da ação de INTEL adversa<sup>4</sup>, colaborando para que dados ou conhecimentos importantes não cheguem ao conhecimento de quem não tem necessidade de conhecer<sup>5</sup> (Brasil, 2023).

Face ao exposto, podemos compreender que a INTEL constitui um segmento essencial, com enfoque na aquisição, processamento e distribuição de informações relacionadas a acontecimentos, circunstâncias ou desenvolvimentos que representem oportunidades ou riscos para interesses estratégicos.

Dessa maneira, o propósito principal da INTEL é prover subsídios que possam oferecer auxílio no planejamento e na tomada de decisões, identificando ameaças, oportunidades, informações sensíveis, entre outras informações, e que opera sob certos preceitos e diretrizes, sejam elas políticas, empresariais, ou militares.

## 2.2 CONCEITO DO RAMO DE CONTRAINTELIGÊNCIA

Em continuação a construção do conhecimento, após a breve digressão para tratarmos do conceito de INTEL, retomemos a atenção para a exposição de sua vertente, o ramo da CI, o qual se pretende dar ênfase no presente capítulo.

A CI se dedica à proteção dos interesses nacionais, empresariais ou militares contra ações de INTEL estrangeiras ou internas, que possam comprometer a segurança de instituições ou organizações, sendo responsável por implementar medidas proativas e reativas para identificar, impedir e neutralizar tentativas inimigas de obter informações (Brasil, 2023).

No segmento da CI, uma atenção especial é dedicada na proteção de dados e informações sensíveis, cujo vazamento poderia causar danos à segurança nacional, às operações militares ou a outras áreas críticas de um governo ou organização. Inclui desde a adoção de tecnologias de segurança avançadas até o treinamento contínuo de pessoal em práticas de segurança de dados. A gestão de

---

<sup>4</sup> Ação intencional de um ou mais atores, patrocinada ou não, por meio da busca ilegítima por acesso a conhecimentos, informações e dados sensíveis (Brasil, 2023).

<sup>5</sup> Disponibilização de frações significativas extraídas de dados, informações e conhecimentos, na medida necessária para que um profissional possa exercer suas atividades com a devida acurácia e abrangência (Brasil, 2023).

riscos também não deve ser esquecida e é vital para antecipar possíveis pontos de falha e estabelecer barreiras eficazes contra a ação de agentes hostis (Brasil, 2023).

Assim, a CI conforme a doutrina apresentada pela ABIN (Brasil, 2023), é estruturada em duas grandes divisões operacionais: a CI preventiva, que é responsável por se antecipar a possíveis ameaças para evitar a sua concretização; e a CI ativa, que é responsável por responder às ameaças já identificadas.

Essa divisão em termos de prevenção e ação da CI apresentada pela doutrina permite uma abordagem dinâmica e bem ajustada às necessidades de segurança, cada uma capaz de responder a um aspecto de segurança e que a seguir, serão descritas de forma mais detalhada para facilitar a sua compreensão.

### 2.2.1 Contrainteligência preventiva

A abordagem preventiva é empregada no estabelecimento de defesas robustas para proteger informações sensíveis e recursos críticos antes que qualquer intrusão ou dano ocorra. Inclui a análise de riscos, a implementação de políticas de segurança e a formação de pessoal em práticas de segurança para fortalecer a infraestrutura contra potenciais ataques de INTEL de agentes adversários (Brasil, 2023).

Conforme a doutrina, ela deve atuar em diferentes áreas, tais como a prevenção a ações de interferência sobre a decisão, que trata da adoção de medidas e procedimentos para prevenir ações da INTEL adversa que tenham por objetivo interferir no processo de decisão (Brasil, 2023).

Assim, a CI preventiva se dedica a elaborar e adotar medidas para proteger de forma antecipada as informações, conhecimentos e infraestruturas, contribuindo para a proteção dos subsídios utilizados na tomada de decisões.

### 2.2.2 Contrainteligência ativa

A abordagem ativa, por sua vez, é empregada após a detecção de atividades hostis, com o objetivo de mitigar, interromper ou eliminar essas atividades inimigas em andamento, consistindo na utilização de várias ações para fazer frente a essas ameaças (Brasil, 2023).



A Doutrina de INTEL da ABIN (Brasil, 2023) nos apresenta várias ações de CI ativa, entretanto, abordaremos a seguir duas delas em especial, visto que nos serão úteis para a compreensão mais a frente das atividades desenvolvidas na Suboperação Fortitude, que será apresentada no capítulo quatro.

A primeira ação é a de contraespionagem, que é desenvolvida para fazer frente à obtenção não autorizada de informações para beneficiar entidades, organizações ou indivíduos. Ela Consiste em um trabalho contínuo de contraposição às ações de espionagem dos adversários (Brasil, 2023).

A segunda ação é a de contrainferência, que é desenvolvida para fazer frente às ações de interferências externas perpetradas por agentes adversos que ameacem os interesses de organizações e instituições. Essa ação oferece ainda um leque de técnicas, tais como a propaganda adversa, desinformação, recrutamento de agentes de influência, fomento a grupos e entidades e sabotagem (Brasil, 2023).

Deste modo, no âmbito da contrainferência, a propaganda adversa representa a utilização de técnicas de comunicação para influenciar atitudes e comportamentos; a desinformação constitui a disseminação deliberada de informações falsas para enganar ou confundir o adversário; o recrutamento de agentes de influência exprime o aliciamento de indivíduos para promover os interesses do agente interferente; o fomento a grupos e entidades trata da criação ou apoio a grupos que promovam os interesses do agente interferente; e a sabotagem se refere à destruição ou comprometimento de recursos essenciais de determinada organização ou entidade de modo a afetar sua capacidade de atender às suas próprias necessidades e proteger seus interesses (Brasil, 2023).

Suas operações são direcionadas para dismantelar os esforços do inimigo na obtenção de informações preciosas para as organizações, instituições ou indivíduos. São ações que demandam esforço, planejamento, capacitação e recursos, porém, são capazes de evitar vazamento de segredos de mercado, planos militares, tecnologias militares, entre outros (Brasil, 2023).

Desta forma, podemos observar que a abordagem ativa da CI é essencial para neutralizar ameaças hostis após sua detecção, visando interromper ou mitigar suas atividades, fazendo uso de ações e técnicas como contraespionagem, propaganda adversa e desinformação.

## 2.3 RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E CONTRAINTELIGÊNCIA

A partir do breve conhecimento exposto, podemos compreender que embora sejam ramos distintos de uma atividade, estão intrinsecamente ligadas e ocupam hoje um espaço crucial na estrutura organizacional de governos, empresas e forças armadas ao redor do mundo, auxiliando na proteção de interesses, informações e conhecimentos.

A INTEL foca na coleta e análise e disseminação de informações úteis para a formulação de estratégias e tomada de decisões de alta relevância, enquanto a CI dedica-se à proteção dessas informações contra a INTEL hostil, buscando prevenir, detectar e neutralizar ameaças como espionagem, desinformação ou sabotagem, que possam colocar em risco a segurança interna e externa de organizações ou instituições.

Esse entrelaçamento entre INTEL e CI é fundamental na proteção e tramitação de informações em diversas áreas, tais como na proteção de dados sensíveis em operações militares conjuntas<sup>6</sup> e na avaliação de ameaças de uma organização ou de uma nação. Representa também grande importância estratégica em contextos como a segurança nacional, a resiliência de uma organização ou instituição e até mesmo para o desenvolvimento tecnológico de uma Big Tech<sup>7</sup>.

Em um mundo complexo, competitivo e repleto de interesses e atores, a colaboração entre esses ramos da atividade de INTEL são cruciais para aprimorar a segurança na gestão do conhecimento de organizações, instituições e Estados, promovendo doutrinas, boas práticas e controle de acesso ao conhecimento.

No próximo capítulo poderemos compreender a complexidade de um planejamento militar e a importante participação desses dois ramos da atividade de INTEL inseridos de forma sinérgica nesse planejamento.

---

<sup>6</sup> Tratam-se de operações militares de grande envergadura que exigem o emprego de elementos pertencentes a mais de uma Força Armada (Brasil, 2020a).

<sup>7</sup> São grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado global e têm um impacto significativo na economia, na sociedade e na forma como as pessoas interagem com a tecnologia. (Zoop Blog, 2023)

### 3 O PLANEJAMENTO MILITAR

Expostos no capítulo anterior alguns importantes conceitos a cerca dos ramos da atividade de INTEL, sigamos para a próxima apresentação de conteúdo significativo nessa dissertação, tratando do planejamento militar.

O planejamento militar envolve o preparo e emprego de forças militares, que por sua vez, necessitam do envolvimento de todos os setores da vida nacional num grande esforço de sinergia. Essas forças militares serão utilizadas para agir em ambiente de crise<sup>8</sup>, conflito armado<sup>9</sup> ou guerra<sup>10</sup> (Brasil, 2023a).

O emprego das Forças Armadas (FFAA) nesses ambientes ocorrerá sempre como respaldo à ação política de um governo nacional, adotando diretrizes no planejamento e na execução em consonância com a condução política da situação em andamento (Brasil, 2023a).

O planejamento militar adotado para enfrentar a complexidade dos conflitos modernos, segundo a Doutrina de Operações Conjuntas do Ministério da Defesa, é o Processo de Planejamento Conjunto (PPC), o qual utiliza mais de uma força singular<sup>11</sup> de forma a possibilitar maior eficiência e sinergia nas operações a serem desenvolvidas.

#### 3.1 PROCESSO DE PLANEJAMENTO CONJUNTO

O PPC é a doutrina responsável por orientar o processo do planejamento de operações conjuntas das FFAA, as quais se caracterizam por se constituírem de um Comando Operacional Conjunto, composto de um Comandante Operacional e um Estado-Maior Conjunto (Brasil, 2023a).

---

<sup>8</sup> É um conflito posicionado entre a paz e a guerra. Exige uma administração criteriosa que permita uma evolução favorável aos interesses nacionais em jogo (Brasil, 2023a).

<sup>9</sup> Caracteriza-se por ser um recurso utilizado por grupos politicamente organizados que empregam a violência armada para solucionar contenciosos ou impor sua vontade a outrem (Brasil, 2023a).

<sup>10</sup> É um conflito armado entre diferentes nações ou grupos dentro de uma nação, caracterizado pelo uso de forças militares e pela mobilização de recursos materiais e humanos (Encyclopedia Britannica, 2010).

<sup>11</sup> Trata-se de cada uma das três FFAA de forma separada, tal como Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e Força Aérea Brasileira (Brasil, 2015).

A doutrina (Brasil, 2023a) prevê uma variedade de tipos de comandos operacionais responsáveis por diferentes áreas de responsabilidade, que serão apresentados a seguir.

O Comando do Teatro de Operações (Cmdo TO) é responsável pelo teatro de operações, que é o espaço geográfico necessário à condução das operações militares de grande vulto para o cumprimento de determinada missão e para o consequente apoio logístico.

O Comando da Área de Operações (Cmdo A Op) é responsável pela área de operações, que é o espaço geográfico necessário à condução de operações militares que não justifiquem a criação de um teatro de operações.

O Comando da Zona de Defesa (Cmdo ZD) é responsável pela zona de defesa, que é o espaço geográfico parte do território nacional onde um Comando Operacional ativado planejará e coordenará as ações de defesa territorial, em consonância com as ações de defesa aeroespacial.

Por sua vez, na estrutura desses comandos operacionais supracitados, a doutrina (Brasil, 2023a) prevê alguns elementos essenciais para a sua composição, com diferentes papéis e responsabilidades a desempenhar, e serão também apresentados a seguir.

O Comandante Operacional (Comte Op) é o oficial especialmente designado para chefiar o Comando Operacional Conjunto, tendo prerrogativas para selecionar a composição do mesmo.

O Estado-Maior Conjunto (EMCj) é a Estrutura composta de vários Oficiais, cada qual responsável por uma atividade a ser desenvolvida no conflito e que deverá assessorar corretamente o Comte Op.

As Tropas do Comando Op (Tropas Cmdo Op) são os meios necessários ao Comando e Controle<sup>12</sup>, apoio administrativo, apoio logístico, autoproteção, unidade de polícia, entre outras necessidades de pessoal vislumbradas pelo Comandante.

As Forças Componentes (F Cte) são forças constituídas por meios das forças singulares, adjudicados a um Comando Operacional, podendo estar organizada com

---

<sup>12</sup> Refere-se ao conjunto de sistemas, processos e capacidades que permitem a um comandante exercer autoridade e direção sobre forças designadas no cumprimento de uma missão. Envolve a tomada de decisões, planejamento, coordenação e direção de operações militares (Alberts and Hayes, 1999).

meios e militares de uma só força (singular) ou de forma mista (conjunta), a fim de desenvolverem as operações militares no Teatro de Operações.

O Estado-Maior criado será responsável por conduzir uma campanha ou operação de forma ininterrupta, durante as 24 horas, trabalhando em turnos para tal, e organizado de maneira a otimizar todas as ações e fluxo de informações necessários ao desempenho das suas atribuições (Brasil, 2023a).

Em cada jornada de trabalho do EMCj são previstas uma série de reuniões que serão responsáveis por tratar de vários assuntos, como prover coordenação dos comandos envolvidos, coordenar as informações de INTEL, coordenar informações de alvos a serem atacados, bem como controlar as ações que estarão se desenrolando nas operações em andamento (Brasil, 2023a).

Desta forma, podemos perceber através dos conceitos apresentados até o momento a grande complexidade e responsabilidade de um Comando Operacional Conjunto, o que exigirá de seus componentes experiência e conhecimento profissional. Trata-se de uma espécie de organismo operativo que deverá ser capaz de lidar com múltiplos assuntos afetos ao esforço de guerra, em várias fronteiras de conhecimento e de terreno, de forma ininterrupta.

Entretanto, o planejamento oferece grandes desafios por requerer o eficiente entrosamento de Forças Singulares dotadas de culturas organizacionais diferentes, com metodologias, entendimentos e experiências também diferentes. Em contrapartida, a superação das eventuais diferenças são capazes de promover elevada sinergia ao capacitar ao EMCj a capacidade de operar e compreender amplo espectro de operações e ações de guerra em diferentes ambientes.

Ademais, para ser capaz de lidar com um conflito militar moderno, o modelo de PPC é descrito pela doutrina como um processo dinâmico e flexível, capaz de ser adaptado e reorientado com base nas mudanças das circunstâncias ou nos objetivos. É revestido de uma natureza cíclica o qual permite revisões contínuas e ajustes para melhor atender às necessidades da missão e responder a desenvolvimentos inesperados (Brasil, 2023b).

O planejamento conjunto se desencadeará seguindo determinada sequência de fases e processos previstos pela doutrina (Brasil, 2023b), que podem e deverão ser revistos, e que serão apresentados a seguir, em uma linguagem simplificada, contendo os conceitos principais que serão de interesse para a nossa pesquisa.

O Exame de Situação Operacional é a fase em que o líder militar responsável (Comte Op), junto com sua equipe (EMCj), deve realizar a avaliação da situação cuidadosamente, se debruçar sobre o problema militar<sup>13</sup> e identificar as ameaças, oportunidades e determinar as Linhas de Ação<sup>14</sup> possíveis para posteriormente serem capazes de desenvolver a melhor estratégia.

A Elaboração de Planos e Ordens é a fase em que após a análise anterior, o comandante organiza e aloca suas tropas e recursos, além de estabelecer quais tarefas serão desenvolvidas pelas unidades subordinadas.

O Controle da Operação Planejada é a fase em que é realizado o acompanhamento das operações em andamento, e se verifica a necessidade de correções para o planejamento.

Todas essas fases descritas envolvem um conceito muito importante chamado Estado Final Desejado (EFD), que basicamente se refere à condição que o Cmdo TO almeja alcançar após o início das operações para encerrar o conflito (Brasil, 2023a).

Após a apresentação dessas definições referentes ao planejamento militar, serão apresentados os conceitos da INTEL e CI inseridos nas operações conjuntas, para que o leitor possa compreender um pouco do papel dessas duas atividades no planejamento.

### 3.2 INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS

No planejamento militar, a INTEL possui importante propósito, conforme pode ser observado abaixo:

O propósito da Atividade de Inteligência é assessorar o processo decisório de autoridades políticas e militares, além de apoiar o planejamento e a condução de operações militares nas situações de paz, crise ou conflito. Isto é conseguido por meio da difusão de conhecimentos oportunos, adequados e confiáveis em conformidade com os interesses políticos, estratégicos, operacionais e táticos (Brasil, 2023b, p. 81).

---

<sup>13</sup> Refere-se a uma situação ou conjunto de circunstâncias que requerem intervenção ou resolução por FFAA. Isso pode envolver questões táticas, operacionais ou estratégicas que afetam a capacidade de uma força militar de cumprir sua missão (Jomini, 1971).

<sup>14</sup> Refere-se a um conjunto de ações planejadas e coordenadas para alcançar um objetivo específico dentro de uma operação militar (Brasil, 2015).

Entretanto, para ser eficaz, a atividade de INTEL, deve ser apoiada por um robusto leque de informações que contemplem fatores políticos, econômicos, científicos, tecnologia, psicossociais e militares (Brasil, 2023a).

Todas essas informações serão necessárias para possibilitar o planejamento, sendo a INTEL a responsável por fornecer detalhes do inimigo, de suas forças e da área de operações, por exemplo.

Desta forma, a Doutrina de INTEL de Defesa (BRASIL, 2005) e a Doutrina de Operações Conjuntas 1º Volume (Brasil, 2023a) prevêm vários termos e definições importantes relacionadas à INTEL no campo do planejamento militar, das quais as mais importantes para o nosso trabalho serão apresentadas abaixo.

O termo “dado” se refere à representação de um evento ou circunstância por intermédio de registro, imagem, gravação, narração, mapeamento e outros recursos, ainda não submetido a algum tipo de análise sistemática para produção do entendimento.

O termo “informação” se refere à expressão escrita referente ao conhecimento organizado e contextualizado oriundo de raciocínio elaborado sobre dados obtidos.

O termo “conhecimento” se refere à representação de fato ou situação que seja de interesse para a atividade de INTEL; já o termo “fonte” alude à pessoa ou meio pelo qual poderão ser obtidos os dados.

O termo “conjuntura” se refere ao tratamento do acompanhamento da situação de determinado país ou área estratégica de interesse num tempo determinado, contendo informações específicas e uma conclusão geral.

O termo “Possibilidade do Inimigo” (Psb Ini) se refere à ação que o inimigo possa desenvolver e que seja capaz de interferir ou afetar o êxito de uma missão, e que tenha compatibilidade com os meios e recursos disponíveis por ele.

O termo “consciência situacional” se refere à compreensão precisa dos elementos que influenciam uma tarefa ou missão, permitindo ao decisor estar ciente do ambiente e tomar decisões eficazes, mantendo uma sintonia entre a percepção e a realidade.

O termo “alvo” se refere ao objetivo principal de uma operação de INTEL, podendo ser determinado conhecimento, pessoa portadora desse conhecimento, documento que contenha informação de interesse, ou área e instalação.

É a INTEL que alimenta o planejamento militar com as informações sobre o adversário, inimigo, ou oponente, visto que não é possível planejar uma ação contra quem não se conhece e esperar alguma probabilidade de êxito em tal empreitada.

O avanço tecnológico, especialmente no campo da INTEL, tem revolucionado a capacidade de captação de informações. O uso de drones, satélites e equipamentos de detecção eletromagnética tem oferecido vantagens significativas, proporcionando uma ampla cobertura e vigilância em áreas de difícil acesso.

Os drones, por exemplo, revolucionaram as operações de reconhecimento militar e civil, permitindo a realização de missões de reconhecimento de forma ágil e discreta, sobrevoando áreas remotas ou perigosas sem expor vidas humanas a riscos diretos e possibilitando a obtenção de imagens, vídeos e outros dados em tempo real sobre regiões de interesse.

Os satélites desempenham destacado papel na observação global, pois são capazes de oferecer uma visão completa e detalhada do terreno, fundamental para o monitoramento contínuo de movimentos e atividades em larga escala. Eles permitem que áreas remotas, muitas vezes inacessíveis por outros meios, sejam alcançadas com facilidade, proporcionando dados valiosos em tempo real para diversas aplicações militares e civis.

Além disso, equipamentos de detecção eletromagnética também desempenham papel relevante para vigilância e inteligência ao permitirem a identificação e o rastreamento de sinais de comunicação de dispositivos eletrônicos, oferecendo uma vantagem estratégica importante e auxiliando na localização de alvos específicos e na previsão de movimentações.

Em suma, os exemplos apresentados, frutos do avanço tecnológico, se apresentam como ferramentas vantajosas para a INTEL, contribuindo de forma significativa para a coleta eficiente e abrangente de informações necessárias a um bom planejamento militar.

Compreendido o propósito e papel da INTEL no âmbito do planejamento militar, sigamos para o campo da CI, pois, à medida que as técnicas de coleta de informações se tornam mais sofisticadas, a segurança deve acompanhar de perto essas mudanças e desenvolver estratégias eficazes para detectar e neutralizar tentativas de espionagem, interferência e sabotagem, garantindo a segurança das operações que são planejadas e das suas informações sensíveis.



### 3.3 CONTRAINTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS

No planejamento militar, a CI pode ser entendida como:

(...) ramo da Atividade de Inteligência voltado para a detecção, identificação, neutralização, obstrução e prevenção da atuação da Inteligência adversa e das ações de qualquer natureza que constituam ameaças à salvaguarda de dados, conhecimentos e seus suportes (documentos, áreas e instalações, pessoal, material e meios de tecnologia da informação) de interesse do C Op (Brasil, 2023a, p. 112).

Além do seu significado no campo do planejamento militar, a CI possui inúmeras finalidades, sendo estas, intimamente relacionadas ao conhecimento do inimigo e às nossas próprias vulnerabilidades (Brasil, 2023a).

Dentre as finalidades, destacam-se: impedir que a INTEL de uma força inimiga adquira conhecimentos sobre nossos planos de operação e capacidades militares; reduzir os efeitos ou neutralizar atividades de espionagem, sabotagem, desinformação, e ataque cibernético contra nossas forças; contribuir para a obtenção do princípio da surpresa<sup>15</sup>; impedir ou dificultar a obtenção da surpresa pelo inimigo; induzir o adversário a tomar decisões errôneas; e prejudicar a capacidade de INTEL do inimigo (Brasil, 2023a).

As finalidades compreendem se contrapor aos esforços inimigos que podem ser direcionados a vários alvos, abarcando tanto os indivíduos responsáveis pelos dados e conhecimentos quanto os meios que os suportam, como documentos, tecnologias de informação, infraestruturas e instalações físicas.

Face às ameaças que se apresentam ao planejamento e a execução de uma operação militar, faz-se necessária a adoção de contramedidas para evitar o êxito de tais ações hostis, e é na CI que podemos obter tais medidas defensivas.

Desta forma, para atingir suas finalidades, a CI faz uso de contramedidas que englobam ações direcionadas a impedir que a INTEL inimiga obtenha informações, obstruindo ativamente suas tentativas de espionagem, sabotagem, ações cibernéticas e desinformação, com o objetivo de reduzir ao máximo sua capacidade de atuação (Brasil, 2023a).

---

<sup>15</sup> Princípio de Guerra que consiste em golpear o inimigo onde, quando ou de forma tal que ele não esteja preparado. A surpresa deverá ser buscada nos níveis estratégico, operacional e tático (Brasil, 2015).

Nos tempos de paz, estas medidas são coordenadas por órgãos de INTEL das FFAA, porém, quando um C Op é ativado, em situações de crise, ele passará a ser responsável por planejar e implementar contramedidas específicas para o cenário de conflito o qual estará inserido (Brasil, 2023a).

Duas figuras importantes são destacadas no planejamento militar referente às contramedidas que deverão ser empregadas, são elas: o Comte Op e o Encarregado da Seção de INTEL do Estado Maior Conjunto, o primeiro, responsável pela adoção das contramedidas em todos os escalões, e o segundo, como assessor na coordenação, supervisão e execução das medidas implementadas (Brasil, 2023a).

Ademais, a doutrina nos esclarece que todos os indivíduos envolvidos nos diferentes níveis possuem responsabilidade em adotar as contramedidas, pois são fundamentais para a execução das ações e para a materialização de uma mentalidade de CI em uma força militar (Brasil, 2023a).

Retornando ao assunto das contramedidas de CI, a doutrina (Brasil, 2023a) nos ensina que seu planejamento é fundamentado na análise das capacidades da INTEL inimiga para obter informações sensíveis e realizar ações como espionagem, propaganda adversa, desinformação e sabotagem.

Os planejamentos a serem elaborados requerem atividades contínuas, iniciando-se mesmo em tempos de paz, e atingem seu ápice durante operações militares, onde a aplicação de medidas específicas se torna essencial para garantir a segurança das operações e manter o elemento surpresa no desenvolvimento das ações (Brasil, 2023a).

Durante o planejamento, a CI avalia a INTEL inimiga, a fim de compreender sua capacidade de atuação e os possíveis impactos sobre as ações planejadas pelo Comando Operacional. Essa análise abrange o conhecimento detalhado do adversário, incluindo sua organização, disposição, composição das forças e recursos em uma determinada área de operações, além de suas agências de INTEL, unidades de espionagem e outras entidades capazes de realizar outras atividades hostis (Brasil, 2023a).

A análise de CI é uma prática aplicável em todos os níveis de comando, sendo conduzida pela Subseção de CI de um Estado Maior Conjunto. Essa prática serve como um guia para a apresentação de questões de interesse, contribuindo

para um planejamento contínuo e adaptável, que considera a constante evolução das ameaças inimigas e as vulnerabilidades próprias (Brasil, 2023a).

Num ambiente de conflito, um EMCj concebido para dirigir uma campanha militar necessitará lançar mão de dois recursos importantes: a INTEL e a CI. Ele necessitará conhecer bem seu inimigo para melhor se planejar, bem como, evitar que seu adversário tenha acesso ao seu planejamento e as suas ações no campo de batalha, visto que a qualidade com que o inimigo compilará as informações sobre as nossas forças e capacidades poderá influenciar sobremaneira o futuro de um combate.

Assim, após tratarmos do planejamento militar e dos elementos de INTEL e CI inseridos nesse planejamento, continuemos para o próximo capítulo, remetendo-nos a uma particular Operação de CI desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial: a Operação Bodyguard.

## 4 OPERAÇÃO BODYGUARD

Uma operação militar de desinformação é uma estratégia deliberada usada para enganar o inimigo, fazendo-o acreditar em informações falsas sobre capacidades, intenções ou planos militares. Essas operações têm como objetivo desviar a atenção, confundir e enganar as forças adversárias, levando-as a tomar decisões erradas que favoreçam os objetivos estratégicos de quem executa a desinformação. A desinformação pode incluir a disseminação de falsos planos de ataque, o uso de tropas e equipamentos falsos, e a manipulação de comunicações para induzir o inimigo a acreditar em uma realidade diferente da verdadeira, entre outras ações (Holt, 2004).

Tanto os aliados quanto as potências do eixo utilizaram planos e estratégias de desinformação durante a Segunda Guerra Mundial, entretanto, cabe registrarmos que os aliados, no decurso do conflito, aprenderam valiosas lições sobre esses tipos de operações, em especial, na tentativa de invasão à região de Dieppe em agosto de 1942 (Atkin, 2023).

Nessa ocasião, os aliados pretendiam realizar um grande ataque ao porto de Dieppe, na França ocupada pelos alemães, entretanto, a operação resultou em um grande fracasso frente às forças de resistência alemãs. As lições aprendidas neste evento podem ser pontuadas como: a necessidade de proteção de informações, a importância do uso do engano, a importância de suporte aéreo e naval e uma melhor preparação logística (Atkin, 2023).

Nesse contexto, a Operação Bodyguard, que será tratada neste capítulo, foi extremamente beneficiada pelas lições aprendidas pelos aliados, assim como a Operação Overlord também o foi.

Entretanto, para que sejamos capazes de compreender a magnitude dos esforços empregados nessa operação e o seu papel na invasão da Normandia, necessitamos retornar no tempo, para nos aproximarmos do contexto da época, as vésperas da Operação Bodyguard.

#### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Segunda Guerra Mundial teve seu início em setembro de 1939 com a invasão da Polônia pela Alemanha, e rapidamente foi seguida pela entrada da União Soviética. A Polônia foi dividida entre essas duas nações, e marcou o início de uma série de campanhas de expansão alemã. Em 1940, a Alemanha invadiu e ocupou a Dinamarca, Noruega, Bélgica, Países Baixos e França. O Reino Unido teve de resistir sozinho após a queda de seu maior aliado, a França, e enfrentar pesados bombardeios alemães durante a Batalha Aérea da Grã-Bretanha, onde apesar das dificuldades, obteve êxito contra a Alemanha (Keegan, 1989).

Em junho de 1941, a Alemanha lançou a Operação Barbarossa, que se tratava da invasão da União Soviética. Inicialmente, as forças alemãs fizeram avanços significativos, mas foram detidas pela resistência soviética e pelo inverno rigoroso. O conflito se alargou com a entrada dos Estados Unidos na guerra após o ataque japonês à base naval americana de Pearl Harbor em dezembro de 1941, criando um cenário de guerra global (Beevor, 2019).

No ano de 1942, após sucessivas conquistas acumuladas pelos países do eixo (Alemanha, Japão e Itália), foi observada uma oportunidade de virada a favor dos aliados. No Norte da África, as forças alemãs e italianas foram derrotadas pelas forças britânicas e americanas na Batalha de El Alamein. Na União Soviética, no decurso da invasão alemã, as tropas de Hitler foram derrotadas na Batalha de Stalingrado. Esses eventos importantes enfraqueceram a posição alemã e deram início à contra-ofensiva Aliada (Hastings, 1999).

Em novembro de 1943 o Presidente americano Roosevelt, o Primeiro Ministro britânico Churchill e o líder da URSS Stalin se reuniram em Teerã, capital do Irã, para decidir o futuro da guerra na Europa. Os líderes pretendiam estabelecer nessa reunião uma coordenação e sincronização adequadas das principais operações aliadas que iriam ser desenvolvidas contra os nazistas no ano de 1944 (Weinberg, 2005).

Resultaram dessa reunião a decisão de lançar a Operação Overlord, e para apoiar esse audacioso desembarque anfíbio, foi decidido que seria desenvolvido um plano de engano estratégico chamado Operação Bodyguard, destinado a desinformar os alemães sobre a data e o local da invasão aliada (Weinberg, 2005).

Às vésperas da Operação Bodyguard, a Europa encontrava-se marcada por uma série de confrontos intensos. A Itália estava sendo lentamente libertada pelas forças aliadas após a invasão da Sicília e ações militares em Salerno. As forças alemãs encontravam-se desgastadas na Frente Oriental, onde os soviéticos continuavam a pressioná-los após as vitórias em Stalingrado e Kursk. Em paralelo, os aliados realizavam grande esforço para preparar a implementação de sua contra-ofensiva definida na reunião em Teerã (Stokesbury, 2001).

A análise histórica dos eventos iniciais e subsequentes da Segunda Guerra Mundial revelam um cenário de rápida expansão alemã, marcada pela brutalidade das campanhas de invasão e pela divisão da Polônia, culminando em uma série de ocupações que levaram a Alemanha a dominar grande parte da Europa Ocidental.

Entretanto, a virada estratégica observada em 1942, com vitórias decisivas dos Aliados, enfraqueceu substancialmente a posição dos países do Eixo e deu início a uma série de contra-ofensivas, das quais se insere oportunamente a Operação Bodyguard, com o intuito de confundir os alemães através de várias iniciativas e pavimentar o sucesso da Operação Overlord.

Após a abreviada síntese exposta do panorama europeu, o qual pontou um momento oportuno para virada dos aliados no conflito, retornemos para o cerne do presente capítulo, a apresentação das informações históricas relevantes da Operação Bodyguard e sua Suboperação Fortitude.

## 4.2 O QUE FOI A OPERAÇÃO BODYGUARD

A Operação Bodyguard foi um complexo plano de desinformação e engano estratégico desenvolvido pelos aliados durante a Segunda Guerra Mundial para garantir o sucesso da invasão da Normandia, através de um assalto anfíbio<sup>16</sup>, previsto na Operação Overlord.

O principal objetivo da Operação Bodyguard era confundir e enganar o alto comando alemão sobre a data e o local do desembarque dos aliados na Europa Ocidental, e para tal, era composta por cinco enganos estratégicos principais que deveriam ser transmitidos ao Estado-Maior alemão, e que serão descritos de forma

---

<sup>16</sup> Ataque lançado do mar para, mediante um desembarque, estabelecer uma força de desembarque em terra, sendo executado por meios de superfície ou aéreos e apoiado por meios navais ou aéreos (Brasil, 2015).

sucinta a seguir, conforme informações obtidas no Projeto de Pesquisa Estratégico de Donovan (2002).

O primeiro engano seria a crença de que os aliados acreditavam que poderiam eliminar a capacidade de combate da Alemanha através de bombardeios pesados, priorizando a produção e movimentação de bombardeiros e tripulações para a Grã-Bretanha e o Mediterrâneo. Esse engano passaria a idéia de que a formação de forças terrestres aliada atrasaria, tornando impossível uma invasão antes de julho de 1944 (Donovan, 2002).

O segundo engano seria a crença de que para acessar a Alemanha, os aliados atacariam pela Noruega na primavera de 1944. Primeiro, libertariam a Noruega e garantiriam direitos de base na Suécia, tentando convencer a Suécia a juntar-se ao esforço de guerra, e na sequência, com poder de combate suficiente, usariam portos e aeródromos na Noruega e Suécia para atacar a Dinamarca e avançar até Berlim, tratava-se da Suboperação Fortitude Norte (Donovan, 2002).

O terceiro engano seria a crença de que os aliados planejavam melhorar o apoio às operações na Itália e na Frente Oriental lançando ataques de apoio na região dos Balcãs, e que nos meses subseqüentes de 1944 os britânicos atacariam a Grécia e, paralelamente e em conjunto com os russos, também atacariam a Romênia para ameaçar os campos de petróleo alemães, tratava-se da Suboperação Zeppelin (Donovan, 2002).

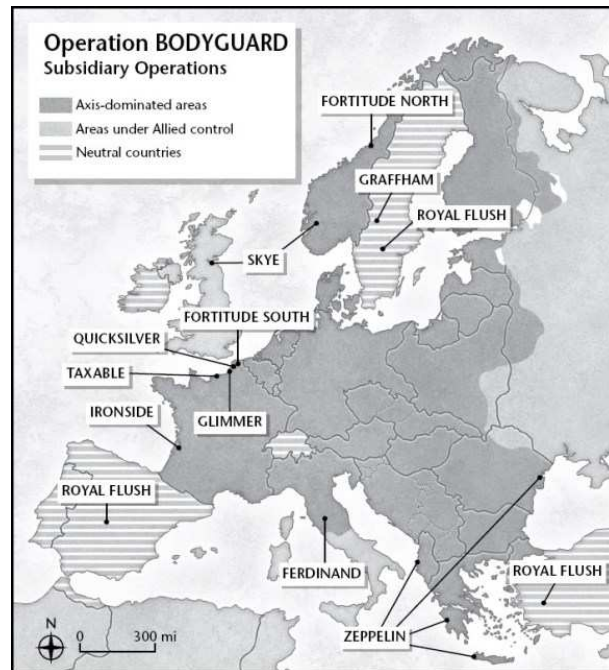
O quarto engano seria a crença de que a Rússia não lançaria uma grande ofensiva de verão na Frente Oriental até julho de 1944. O objetivo desse engano era fixar forças na frente oriental e criar uma incerteza estratégica adicional para Hitler sobre a alocação e o realinhamento das forças alemãs (Donovan, 2002).

O quinto engano seria a crença de que os britânicos e americanos acreditavam que a Europa alemã estava tão bem defendida que demandaria uma grande e longa preparação até meados de julho de 1944, e quando o ataque ocorresse, este seria nas proximidades de Dover, na área de Passo de Calais, na França, tratava-se da Suboperação Fortitude Sul (Donovan, 2002).

Assim, como exposto acima, podemos perceber que o Plano Bodyguard consistia em inúmeras suboperações de engano focadas no intento comum de ludibriar os alemães e prejudicar a capacidade inimiga de reagir de forma eficaz aos esforços empregados nas operações verdadeiras dos aliados.

Abaixo segue uma figura contendo um mapa com algumas das suboperações desenvolvidas pela campanha Bodyguard, de forma a auxiliar a compreensão do leitor sobre o esforço empregado pelos Aliados no espaço, esboçado pela vasta quantidade de ações subsidiárias do plano principal.

Figura 1 - Mapa das suboperações de Bodyguard



Fonte 1 - Página Weapons and Warfare<sup>17</sup>

Desta forma, exposta dimensão e complexidade do plano Bodyguard, além do que representava para os aliados, continuemos sua apresentação histórica e posterior análise, seguindo a limitação desse objeto previamente apresentada no capítulo 1, qual seja, delimitada no tempo, espaço e características pela Suboperação Fortitude.

#### 4.3 SUBOPERAÇÃO FORTITUDE

A Suboperação Fortitude possuía duas frentes de operações, Norte e Sul, de modo que os aliados pudessem agir com sinergia em sua campanha de

<sup>17</sup> Weapons and Warfare. Operation Bodyguard. Disponível em: <https://weaponsandwarfare.com/2017/09/02/operation-bodyguard/>. Acesso em 16 jul 2024.



desinformação contra o alto comando alemão, cada frente sendo desenvolvida segundo os objetivos que serão descritos abaixo (Donovan, 2002).

A frente Norte deveria enganar os alemães sobre o momento e a localização da invasão aliada, além de fazer com que acreditassem que a Noruega seria o alvo da invasão.

A frente Sul deveria convencer os alemães de que o local da invasão seria a região de Passo de Calais e de que qualquer outra invasão que ocorresse, como na Normandia, por exemplo, seria uma distração e não a operação aliada principal.

Em seguida, serão descritas cada uma das suboperações para que o leitor possa melhor compreender o papel de cada uma no Teatro de Operações da Europa na Segunda Guerra Mundial.

#### 4.3.1 Fortitude Norte

O objetivo da Suboperação Fortitude Norte era enganar Hitler e o seu alto comando, fazendo-os acreditar que os aliados planejavam invadir e libertar a Noruega da ocupação alemã. O engano consistiria na seguinte sequência de eventos: após a conquista da Noruega, os aliados protegeriam portos e aeródromos no sul da Suécia, persuadindo a Suécia a se juntar ao esforço de guerra aliado, e com bases estabelecidas na Suécia, o próximo ataque seria lançado contra a Dinamarca, seguido por uma campanha em direção a Berlim (Donovan, 2002).

Esse plano se assemelhava ao reverso da operação alemã Weseruebung de 1940, que tratou da invasão da Dinamarca e da Noruega. O plano aliado incluía dois locais de invasão na Noruega: Stavanger, onde forças britânicas e americanas tomariam aeródromos para operações de caça, e Narvik, onde um ataque britânico ou russo garantiria linhas de comunicação no norte da Suécia (Donovan, 2002).

Para que Fortitude Norte fosse convincente, seria necessário simular a presença de uma grande força de invasão, pois não havia tropas reais disponíveis. A localização geográfica da Escócia dificultava o reconhecimento aéreo alemão, o que beneficiaria os aliados que então dependeriam somente de interceptar as operações

de INTEL alemã e de fazer uso de agentes duplos<sup>18</sup> como espiões para transmitir a mensagem enganosa aos alemães, bem como confirmar engodos (Donovan, 2002).

O primeiro passo aliado foi escolher o comandante da força invasora. Para esta função, foi escolhido o general britânico Sir Andrew Thorne. Ele já havia servido como oficial adido militar<sup>19</sup> em Berlim, então seu nome era bem conhecido dentro do corpo de oficiais alemães, o que emprestaria credibilidade à história. Para seu vice, foi escolhido o coronel R. M. MacLeod, um condecorado veterano britânico da Primeira Guerra Mundial (Donovan, 2002).

Após a sua seleção, Thorne prontamente partiu de Londres para a Escócia para criar o Quarto Exército, com sede no Castelo de Edimburgo. O Quarto Exército consistiria no fictício VII Corpo Britânico em Dundee, no fictício II Corpo Britânico em Sterling e no real XV Corpo de exército dos EUA na Irlanda do Norte (Donovan, 2002).

Assim, com a estrutura do Quarto Exército criada, efetivamente necessitava-se dar vida a esse exército para enganar aos alemães. Então, o Coronel MacLeod, segundo no comando, reuniu sua equipe e solicitou a vários de seus oficiais e operadores rádio para fazer isso acontecer (Donovan, 2002; Jesus, 2007).

Deste modo, equipes de comunicação foram estabelecidas em locais apropriados e um sistema de criptografia<sup>20</sup> de baixo nível (mais fácil de ser decifrado) foi utilizado para criptografar comunicações com toda a estrutura do Quarto Exército e demais forças aliadas, tudo com o objetivo de facilitar aos alemães interceptarem e decifrarem mensagens com conteúdos falsos (Donovan, 2002; Jesus, 2007).

Além disso, diversas outras unidades fictícias foram criadas para prover uma imagem mais robusta e crível para o serviço de INTEL alemão. O Coronel MacLeod foi capaz de criar ao longo do tempo de vida de Fortitude Norte um impressionante exército fantasma de mais de 250.000 pessoas e mais de 250 veículos blindados (Donovan, 2002).

---

<sup>18</sup> São indivíduos recrutados por uma parte em conflito para atuarem como espiões dentro da organização adversária, enquanto secretamente mantêm lealdade à outra parte. Eles fornecem informações falsas ou manipuladas para enganar o inimigo (Wallace, Melton, Schlesinger, 2009).

<sup>19</sup> Oficial das Forças Armadas acreditado junto a uma representação diplomática com a finalidade de trabalhar em estreita ligação com as autoridades militares locais, permutando informações específicas (Câmara dos Deputados, 2024).

<sup>20</sup> Meios e processos utilizados para a conversão de um texto claro em um criptograma ou de um criptograma em um texto claro, sem a utilização da criptoanálise (Brasil, 2015).

A Marinha Real Britânica também desempenhou papel importante criando falsas forças de assalto naval com codinomes “W” e “V”, respectivamente, onde através de tráfegos de informações rádio, simularam cerca de 35 navios em cada uma dessas forças, além de transmitir a errada impressão de que estavam realizando exercícios de embarque e desembarque de tropas (Donovan, 2002).

No campo da espionagem, foram utilizados agentes duplos, que se tratava de espões alemães que no início da guerra haviam sido presos e convencidos a trabalhar como agentes duplos ou cujo papel e identidade foram assumidos pela INTEL britânica (Donovan, 2002).

Os codinomes “Mut” e Jeff foram atribuídos a dois ex-espões alemães que foram capturados na Escócia em 1941 e que desempenharam papéis importantes nessa suboperação fornecendo dados falsos à INTEL alemã. Eles foram responsáveis por fornecer informações que não estariam disponíveis através de interceptação rádio e para confirmar informações em transmissões que seriam interceptadas, incluindo detalhes como designações de unidades, deslocamentos de altos escalões aliados, movimentos de unidades, além do humor da população local (Beevor, 2019; Donovan, 2002; Jesus, 2007).

No campo diplomático, foi fabricada uma crise diplomática entre a Suécia e os aliados, que expandia a lista de pedidos que estavam sendo feitos referente ao território neutro daquele país. Essas demandas adicionais incluíam: o direito das aeronaves aliadas de pousarem em aeroportos suecos e reabastecerem após operações de combate; a permissão para enviar especialistas britânicos para consultar homólogos suecos sobre o transporte de suprimentos entre a Noruega e a Suécia, caso os alemães desocupassem a Noruega; e o direito dos aliados realizarem voos de pesquisa e reconhecimento sobre a Suécia (Donovan, 2002).

Os pedidos supracitados faziam com que a Suécia violasse a condição de Estado neutro, então, como era esperado e desejado pelos aliados, as exigências foram negadas. A diplomacia se esforçou em prolongar esse imbróglio por meio de arrastadas negociações e também facilitou para que esse impasse chegasse até o conhecimento da INTEL alemã por diversos meios, como boatos, jornais e editoriais (Donovan, 2002).

A Suboperação Fortitude Norte é avaliada historicamente como exitosa no campo militar ao fixar cerca de vinte e sete divisões alemãs para a defesa da Noruega e da Dinamarca. Ademais, com a ameaça de invasão nunca totalmente

descartada, a maioria destas forças ainda se encontraria na Noruega no final da Segunda Guerra Mundial, o que evitou que muitos desses soldados alemães tirassem a vida dos soldados aliados e dificultassem ainda mais a invasão na Normandia (Donovan, 2002).

Com base nos fatos históricos apresentados podemos observar o quão importantes foram os recursos de CI para que a suboperação Fortitude Norte pudesse enganar o comando alemão e o seu EMCj. Obtiveram destaque a criação de unidades fictícias, o uso de agentes duplos, a propagação de comunicações falsas e a fabricação de erráticas circunstâncias políticas e militares.

#### 4.3.2 Fortitude Sul

A Suboperação Fortitude Sul foi mais ambiciosa do que sua contraparte apresentada anteriormente, ela possuía dois objetivos importantes a serem alcançados: apoiar os desembarques na Normandia, e posteriormente, apoiar as operações pós-desembarque (Anderson, 2010).

Inicialmente Fortitude Sul deveria convencer o comando alemão e seu EMCj de que o local da invasão no território francês seria a região de Passo de Calais, e que essa invasão, que era fictícia, ocorreria numa data quarenta e cinco dias após o previsto para o desembarque na Normandia, que seria verdadeiro, planejado na Operação Overlord (Anderson, 2010).

Posteriormente, deveria ser capaz de convencer os alemães de que os desembarques ocorridos na Normandia não se tratavam da operação de invasão principal, mas sim, de um engano, para que dessa forma permanecessem com a expectativa de uma grande invasão principal em Passo de Calais e fixassem suas forças de forma errada. (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

Uma das questões centrais para essa suboperação foi convencer os alemães a cerca do local da invasão, e aqui os aliados se aproveitaram das inclinações do alto comando alemão. A região de Passo de Calais era tratada pelos alemães como o local mais provável para uma investida aliada por ser uma região mais próxima da Grã-Bretanha, o que propiciaria menor tempo de trânsito marítimo até o Teatro de Operações, maior apoio aéreo para a invasão, além de ser o menor percurso para libertar Paris e avançar até Berlim, capital alemã (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

Para comandar a força fictícia que deveria invadir Passo de Calais, foi escolhido o General do Exército dos EUA George S. Patton, que possuía sólida reputação entre a oficialidade alemã, com base em seu desempenho pretérito em operações no qual participou no norte da África e na Sicília. Patton então parecia ser um nome de peso para dar credibilidade frente aos alemães (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

Os jornais da época seguiram Patton incansavelmente, tornando-o a escolha ideal para enganar os alemães. O general aliado teve seus movimentos pela Inglaterra acompanhados pela mídia e frequentemente divulgados, chegando até os alemães, junto de relatórios contínuos de intensa atividade em Dover, incluindo construções e movimentações de tropas. Os aliados pouco fizeram para ocultar as atividades de Patton, pois toda essa exposição era útil para dar credibilidade ao engano em curso (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

Enquanto Fortitude Norte teve de criar um único exército composto de três corpos para invadir a Escócia, Fortitude Sul deveria criar divisões fictícias, quartéis gerais, além de F Cte de apoio aéreo e naval, e de forças de apoio logístico. A frente dessas divisões e forças fictícias foram colocados oficiais conhecidos pelos alemães ao invés de novatos, de forma a manter a consistência da farsa criada (Donovan, 2002).

De forma similar ao Fortitude Norte, foram utilizados agentes duplos para confirmarem informações, boatos e reportagens, além de vazarem novas informações sobre o falso plano de invasão. Concomitantemente, foram disseminadas, através de rádio, informações e relatórios para serem facilmente interceptados e colaborarem com o engano (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

Entretanto, ao contrário de Fortitude Norte, a região desta suboperação era mais facilmente observável pela INTEL alemã devido à sua proximidade, o que acarretou em um grande esforço para criar estruturas e unidades físicas capazes de representarem a história contada ao inimigo de forma convincente ao serem observadas pelo mesmo (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

Dessa forma, estradas de terra foram construídas na floresta para parecerem, vistas do ar, acessos a depósitos de munições e quartéis-gerais. Equipamentos infláveis como tanques, armas e caminhões, foram utilizados para criar a ilusão de batalhões inteiros, enquanto embarcações de desembarque feitas de madeira e lona foram ancoradas em portos selecionados (Anderson, 2010; Donovan, 2002).

O artigo de Donovan (2002) registra ainda que gravações de motores de aeronaves foram reproduzidas em alto-falantes, ao passo que faróis de automóveis foram deslocados através de carrinhos que se deslocavam subindo e descendo as falsas pistas à noite, simulando decolagens e aterrissagens de aviões também falsos, feitos de lona e de tubos.

Em seu artigo, Donovan (2002) também acrescentou que várias luzes especiais representaram aeródromos, portos e áreas de reunião de modo a simular a atividade da força aliada e desviar a atenção dos bombardeiros alemães das verdadeiras áreas de preparação da invasão, e que fogueiras eram acesas nesses locais após os bombardeios alemães os atingirem para simular acertos bem-sucedidos.

O esforço para materializar a farsa foi tão meticuloso que foram criadas transmissões rádio da polícia militar local relatando diversas ocorrências com soldados bêbados da força aliada em cidades costeiras, além da veiculação na mídia de movimentos de grandes comboios noturnos pelas estradas da região (Donovan, 2002).

Para criar uma força naval e força aérea “fantasmas”, foram utilizadas uma combinação de palha e um dispositivo exclusivo de codinome “moonshine”. Esse equipamento havia sido projetado e construído para receber pulsos radar, amplificá-los e então retransmiti-los de volta ao receptor radar apresentando um navio, aeronave ou formação militar muito maior do que era na realidade, de modo a simular quantidades de meios muito superiores a realidade. (Donovan, 2002).

Uma informação adicional e importante acréscimo na execução de Fortitude Sul mencionada no Projeto de Pesquisa de Anderson (2010) foi o registro de que os aliados haviam criado um escritório de censura. Este escritório apresentava duplo caráter, era responsável por conscientizar a imprensa dos países aliados quanto ao risco de revelarem demasiados detalhes referentes às operações militares verdadeiras em suas transmissões, e utilizar a grande mídia para propagar falsas informações que tivessem concordância com as também falsas informações transmitidas via rádio pelas unidades aliadas e espiões.

Desta forma, a região de Passo de Calais tornou-se um tema muito familiar para os leitores americanos e britânicos, bem como para os alemães. Diversos artigos mencionando bombardeios naquela região tornaram-se uma ocorrência diária nas mídias tradicionais (Anderson, 2010).

Com base nos fatos apresentados, a Suboperação Fortitude Sul utilizou diversas técnicas de CI para enganar o alto comando alemão a fim de convencê-los de que a invasão principal ocorreria em Passo de Calais, e não na Normandia. Para isso, em grande escala, os aliados criaram exércitos fictícios, utilizaram equipamentos infláveis improvisados para simular unidades, fizeram construções falsas, e simularam intensa atividade militar na região de Dover com o auxílio de agentes duplos e transmissões de rádio.

Pudemos também observar que também foi nomeado um general altamente respeitado pelos alemães para liderar essa força ilusória, além de fazer uso da censura para que a grande mídia tradicional fosse utilizada para somar esforços na campanha de desinformação.

Em suma, essa grande suboperação de dissimulação agiu em várias frentes coordenadas para dar respaldo à farsa que se propunha tornar crível aos alemães, numa escala maior a sua contraparte desenvolvida na frente Norte.

Na sequência, analisaremos o saldo conjunto de ambas as suboperações Fortitude, bem como a sua sinergia para criar desinformação e enganar o alto comando alemão e beneficiar a Operação Overlord.

#### 4.3.3 Resultado de Fortitude

Em uma operação militar tão audaciosa e complexa como a Overlord, que almejava lançar um assalto anfíbio a fim de criar uma nova frente de batalha na Europa, e a partir dali retomar os territórios, seria muito difícil negar ao inimigo alemão a possibilidade de uma verdadeira investida Aliada na Europa.

Entretanto, se os aliados assumissem essa convicção alemã a respeito de uma invasão, teriam ainda o benefício de que o local, o período e a força militar a serem utilizados poderiam ser manipulados de forma a criar uma distração capaz de atender o anseio alemão e encobrir o verdadeiro plano de ataque.

Foi nesse caminho racional e criativo, trilhado sob técnicas de dissimulação, que foram criadas várias iniciativas para confundir os alemães, como a Operação Bodyguard e sua Suboperação Fortitude, nas frentes Norte e Sul, apresentadas neste capítulo.

O trabalho de Donovan (2002) nos conta que mesmo após o desembarque aliado na Normandia, na data de doze de junho de 1944, Hitler ainda aguardava uma grande invasão principal em Passo de Calais. A Suboperação Fortitude Sul continuou ativa até a primavera de 1945, mostrando-se um sucesso ao desviar a atenção alemã e fixar centenas de unidade inimigas longe do principal esforço de guerra aliado, contribuindo para o sucesso da Operação Overlord e a derrota de Hitler.

As duas suboperações agiram de modo sinérgico, combinando seus efeitos de criarem uma preocupação alemã de reforçar a sua defesa em diferentes regiões de forma a impedir a provável ameaça de invasão aliada propagada em cada suboperação. Elas foram capazes de diluir o esforço defensivo das forças de Hitler e propiciar vantagem ao verdadeiro ataque aliado ocorrido na região da Normandia.

O saldo da Suboperação Fortitude foi extremamente positivo para os aliados ao conseguir obter êxito em suas desinformações confundindo a consciência situacional de Hitler e seu alto comando militar e favorecendo a execução da campanha da Normandia.

Desta forma, após os conhecimentos e ponderações históricas sobre a Operação Bodyguard e sua Suboperação Fortitude e apresentados os conceitos de INTEL, CI e planejamento militar nos capítulos anteriores, caminharemos para o próximo capítulo onde trataremos de uma breve análise, a luz desses conceitos.



## 5 ANÁLISE DA SUBOPERAÇÃO FORTITUDE

Como antecipado no final do capítulo anterior, neste capítulo abordaremos uma sintética análise da Suboperação Fortitude sob a ótica da INTEL, CI e do planejamento militar, de forma a nos possibilitar construir o conhecimento capaz de responder a questão sobre a contribuição desta suboperação no sucesso da Operação Overlord.

De acordo com os conceitos apresentados no capítulo dois, a CI é uma atividade voltada para prevenção, detecção, identificação, obstrução e neutralização da ação de INTEL inimiga, os quais puderam ser observados nas Suboperações Fortitude norte e Sul através das várias ações, práticas e técnicas adotadas e desenvolvidas.

Os aliados tomaram providências para prevenir que os alemães descobrissem seus planos, prevenindo, detectando e obstruindo os esforços de Hitler através de técnicas de CI preventiva, tais como: proteção do conhecimento, proteção de infraestruturas críticas, sendo observadas no cuidado das transmissões aliadas, na censura da mídia e no engodo promovido para proteger as verdadeiras infraestruturas críticas.

Os aliados também fizeram uso de técnicas de CI ativa para mitigar, interromper e eliminar atividades de INTEL inimigas, tais como: contraespionagem, propaganda adversa, desinformação, entre outros, sendo observados no uso de agentes duplos, nas falsas transmissões disseminadas tanto pelos aliados quanto pela mídia, e nas tropas e unidades militares fictícias criadas.

Entretanto, para que a CI funcionasse, os aliados necessitaram de variadas informações sobre as forças de Hitler, informações estas obtidas através da INTEL. Essas informações obtidas além das fronteiras dos aliados foram vitais para o planejamento das contramedidas adotadas.

Prosseguindo para os conceitos do capítulo três, pudemos compreender que o planejamento militar é uma atividade complexa e altamente cognitiva, que envolve o preparo e emprego de forças militares sob comando do Comte Op, apoiado por um EMCj, e que através da combinação das experiências pessoais, profissionais e aplicação de doutrinas, estes personagens devem atuar num ambiente hostil chamado teatro de operações. O alto comando aliado exemplificou bem este papel, se preparando e desenvolvendo atividades para superar os alemães através das

várias operações militares que realizaram através das forças militares que dispunham, chamadas F Cte.

No capítulo três foi apresentado o preparo segundo a doutrina, sendo composto por três etapas: Exame de Situação Operacional, Elaboração de Planos e Ordens, Controle da Operação Planejada. Nas Operações Fortitude, frentes Norte e Sul, é possível depreender através do esforço meticuloso e sincronismo das ações desenvolvidas em paralelo e sequenciais que o planejamento militar foi minuciosamente bem elaborado, e que o esforço aliado se dirigiu para alcançar o EFD de enganar os alemães quanto à data, hora e local da invasão na França, de modo a viabilizar o sucesso da Operação Overlord.

Prosseguindo ainda a partir dos conceitos apresentados no capítulo três sobre a INTEL e CI nas operações conjuntas, pudemos observar que Fortitude Norte e Sul se preocuparam em proteger suas informações sensíveis, a partir dos conhecimentos obtidos das Psb Ini e conjuntura alemã, utilizando a INTEL de Hitler como alvo, bombardeando-a com informações falsas através de espiões duplos, desinformação, tráfego rádio e simulacros de forças e unidades militares

Desta forma, enquanto a força Aliada pôde manter uma consciência situacional mais acertada sobre o teatro de operações, os alemães foram amplamente prejudicados em seu planejamento através das várias Suboperações de Bodyguard em andamento, em especial, Fortitude Norte e Sul.

Em Fortitude Norte e Sul foram empregados os princípios doutrinários e conceitos previamente apresentados nos capítulos dois e três, os quais aplicados propiciaram a capacidade dos aliados de realizarem o controle operacional das ações em curso, concatenando as técnicas de INTEL e CI, explorando sistematicamente as informações obtidas sobre os alemães, e restringindo o acesso ao conhecimento pelo inimigo.

Dessa forma, pudemos relacionar a teoria apresentada com a prática exposta na descrição histórica, preparando-nos para alcançar a conclusão no próximo capítulo.

## 6 CONCLUSÃO

Verificamos após a análise dos fatos históricos atinentes a Suboperação Fortitude o quão grande e complexo foram os esforços aliados para desenvolver as atividades compreendidas nas frentes Norte e Sul com o intuito de promover o engodo para as forças alemãs e auxiliar no êxito aliado na Operação Overlord.

A Operação Overlord foi o plano aliado para inserir uma nova frente de batalha na França ocupada pelos alemães, o qual almejava lançar massivo desembarque aéreo e anfíbio na costa da Normandia. Esse plano contava com a previsão de uma numerosa resistência alemã, que esperava uma invasão aliada, o que fez com que os aliados também elaborassem um audacioso plano diversionista, em paralelo, para confundir os seus inimigos.

Com criatividade, experiências e aprendizados de operações anteriores, os aliados lançaram a Operação Bodyguard composta de várias suboperações visando minar a consciência situacional alemã e diminuir as forças inimigas previstas para fazer frente ao desembarque na Normandia.

Através das Suboperações Fortitude Norte e Sul, numerosas forças alemãs foram fixadas em regiões diferentes da Normandia, evitando que os aliados enfrentassem maior oposição na Operação Overlord, incrementando a capacidade de êxito dessa operação, bem como poupando a vida de muitos soldados aliados.

O planejamento e execução da Suboperação Fortitude contaram com a atenção à doutrina e técnicas previstas em uma operação de contrainteligência, sincronizando diferentes ações de desinformação em diversos locais e esferas de execução, seja transmitindo falsas informações rádios, na utilizando simulacros de forças militares, no emprego de espiões duplos ou no uso da mídia para difusão de engodos, entre outras ações.

As ações da Suboperação Fortitude obtiveram êxito, conforme dados históricos e análise realizada no capítulo anterior, pois puderam ser postas em prática pelos aliados, foram críveis para os alemães e também suscetíveis a verificação pelo serviço de inteligência inimigo, diminuindo a resistência de Hitler na região onde ocorreria o verdadeiro desembarque aliado.

Conclui-se que após a análise dos fatos históricos atinentes a Suboperação Fortitude, a luz dos conceitos de inteligência, contrainteligência e planejamento militar, que ela contribuiu de forma importante através de suas ações desenvolvidas

nas frentes Norte e Sul para multiplicar as chances de sucesso da Operação Overlord.

Desta forma, a Operação Bodyguard, através da Suboperação Fortitude, tornou-se um exemplo histórico de como a contrainteligência pode contribuir de forma decisiva para o sucesso de uma operação militar, seja negando informações à inteligência inimiga ou promovendo engano e desinformação ao centro de comando do adversário.

## REFERÊNCIAS

- BEEVOR, Antony. **Dia D**. 1. ed. Tradução: Maria Beatriz de Medina. São Paulo, SP: Crítica, 2019.
- BRASIL. **Doutrina da Atividade de Inteligência**. Brasília, DF: Abin, 2023.
- BRASIL. **Doutrina de Operações Conjuntas: 1º Volume**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2020a.
- BRASIL. **Doutrina de Operações Conjuntas: 2º Volume**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2020b.
- Zoop Blog. **O que é Big Tech e qual o impacto no mercado de serviços financeiros**. 2023. Disponível em: <https://www.zoop.com.br/blog/mercado/o-que-e-big-tech/>. Acesso em: 29 de outubro de 2024
- Encyclopedia Britannica. **Encyclopedia Britannica Online**. 2010. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/war>. Acesso em 09 jul. 2024.
- ALBERTS, David S., and HAYES Richard E.. **Command and Control in the Information Age**. CCRP Publication Series, 1999.
- BRASIL. **Doutrina de Inteligência de Defesa**. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2005.
- JOMINI, Antoine Henri. **The Art of War**. New York: Greenwood Press, 1971.
- BRASIL. **Glossário das Forças Armadas**. 5. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2015.
- HOLT, Thaddeus. **The Deceivers: Allied Military Deception in the Second World War**. Universidade de Michigan: Scribner, 2004.
- ATKIN, Ronald. **Dieppe 1942 - The Jubilee Disaster**. Independently published, 2023.
- KEEGAN, John. **The Second World War**. Penguin Books, 1989.
- HASTINGS, Max. **Overlord: d-day and the battle for normandy, 1944**. Pan Books, 1999.
- WEINBERG, Gerhard L. **A World at Arms: A Global History of World War II**. Cambridge University Press, 2005.
- STOKESBURY, James L. **A Short History of World War II**. Harper Perennial, 2001.
- DONOVAN, Michael J. **STRATEGIC DECEPTION: OPERATION FORTITUDE**. Carlisle barracks, PA: U.S. Army War College, 2002. 26f. Strategy Research Project. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA404434.pdf>. Acesso em 10 jul. 2024.

WALLACE, Robert; MELTON, H Keith; SCHLESINGER, Henry R. **Spycraft: The Secret History of the Cia's Spytechs, from Communism to Al-Qaeda**. Plume books, 2009.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Acessibilidade na Câmara**. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/dicionario-de-libras/a/adido-militar>. Acesso em 10 jul. 2024.

ANDERSON, Luke E. **OPERATION FORTITUDE: THE ALLIED D-DAY DECEPTION CAMPAIGN AND MEDIA USE**. EAU CLAIRE, WI: UNIVERSITY OF WISCONSIN-EAU CLAIRE, 2010. 40f. Research Project. Disponível em: <https://minds.wisconsin.edu/handle/1793/44601?show=full>.

MOURA, Aureliano Pinto de. Os segredos do Dia "D". **Revista do IGHMB**, ano 75, n.103, 2016. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ighmb/article/view/3432/3327>. Acesso em 10 jul. 2024.

JESUS, Esley Rodrigues de. Os preparativos para o Dia D. **Revista de Villegagnon**, ano II, n.2, 2007. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/villegagnon/article/view/2099/2035>. Acesso em 10 jul. 2024.

MIT SLOAN. **A soberania dos dados na nuvem**. Disponível em: <https://mitsloanreview.com.br/a-soberania-dos-dados-na-nuvem/>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

Weapons and Warfare. **Operation Bodyguard**. Disponível em: <https://weaponsandwarfare.com/2017/09/02/operation-bodyguard/>. Acesso em 16 jul 2024.